

RESUMO

O romance *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, tem por tema os idílios amorosos e as futilidades de personagens pertencentes à elite brasileira do fim do século XIX. Este estudo se propõe a mostrar como a narrativa, sob a fachada da amenidade e do descompromisso, é perpassada pelos impasses da sociedade brasileira daquela época – e quiçá da atualidade –, indecisa entre o tradicional e o moderno, entre o conservadorismo e a mudança.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, realismo, mudanças sociais e idéias.

Para o leitor de Machado de Assis, particularmente de sua fase realista, *Memorial de Aires* pode parecer uma narrativa frouxa, desprovida tanto da profundidade na caracterização psicológica dos personagens quanto do ceticismo demolidor habituais no autor. Como é pálida a Fidélia de Aires diante de Sofia, Capitu e Virgília, aves de rapina travestidas de cândidas damas! Se há amargura no Conselheiro Aires, não é nada que não se possa dissolver no cotidiano fútil, mas povoado de pequenos prazeres, em que se move a elite carioca, e brasileira, do fim do século XIX. Também, ao que consta, não há, no passado do diplomata aposentado, nenhum caso amoroso mal resolvido a roer-lhe a alma, tornando “casmurro” um espírito dado ao riso. Apenas tédio de velho viúvo que, sem a diplomacia para empregar sua fina argúcia, resolve pô-la em prática num diário, cujo foco parece centrar-se no caso amoroso que se desenvolve entre Fidélia e Tristão, “filhos postiços” do casal Aguiar, sem filhos verdadeiros e amigo de Aires.

* Mestre em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Professor de Teoria da Literatura da Universidade Estadual de Goiás, no campus de Morrinhos.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba* encontramos, de início, uma trama bem armada nos moldes românticos: casos amorosos com obstáculos intransponíveis. Tramas que, no entanto, não se desenvolvem de maneira romântica e que acabam por perder sua importância, seja para a sondagem interior dos personagens, seja para o desvelamento de uma sociedade injusta e implacável, por trás do verniz da civilização. Sociedade em que não há mais lugar para heróis românticos. Machado, antes, desarma essas tramas e, conseqüentemente, a ideologia e aspirações românticas de construções idealistas tanto no plano individual – o amor não mantém mais sua integridade romântica – quanto no coletivo – a ausência de um projeto utópico de construção nacional em seus personagens e na narrativa, de uma maneira geral.

Em *Memorial de Aires* o autor não cuida de armar nenhuma trama, e a narrativa em forma de diário justifica esta ausência. Na verdade, o fato que permitiria um encadeamento mais vigoroso da narrativa, o caso de Fidélia com Noronha, cheio de obstáculos, à maneira de *Romeu e Julieta*, está enterrado com o marido defunto. No mundo de Aires não há lugar para paixões violentas, romantismos ultrapassados. O passado da jovem viúva, no plano narrativo, parece-nos dizer que o diálogo com o romantismo – o livro é do século XX – já está definitivamente enterrado, mesmo como negação deste: não há mais tramas que desarmar, apenas o transcorrer monótono da vida.

Se, em termos de tradição literária, o romance não deixa de se opor ao já longínquo romantismo, também quanto à relação da obra com a sociedade, *Memorial de Aires* parece romper com a atitude predominantemente cética e amargurada em relação aos homens e à sociedade, presente nas narrativas anteriores de Machado. Aires é a complacência em pessoa: “Eu, se fosse capaz de ódio, era assim que odiava; mas eu não odeio nada nem ninguém – *perdono a tutti* como na ópera”.¹

Mais que complacência, o tom do romance e do narrador-personagem é de desistência:

Vou ficar em casa uns quatro ou cinco dias, não para descansar, porque eu não faço nada, mas para não ver nem ouvir ninguém.[...] Já acho mais quem me aborreça do que quem me agrade, e creio que esta proporção não é obra dos outros, e só minha exclusivamente. Velhice esfalta. (p. 34 – 17/5/1888)

Aqui chegamos a uma característica que liga esta obra com a literatura de desistência à que se referia Mário de Andrade em sua *Elegia de abril*, em 1941: “Toda esta literatura dissolvente será por acaso um sintoma de que o homem brasileiro está às portas de desistir de si mesmo?” (ANDRADE, 1974, p. 191). Depois, já em 1964, no ensaio “Sobre *O amanuense Belmiro*”, Roberto Schwarz coloca o romance de Cyro dos Anjos na categoria de romance da urbanização, em que o impasse entre campo (passado arcaico) e cidade (presente moderno) permeia a narrativa levando Belmiro, e ela própria, ao imobilismo: “A alma sensível, que por vezes é diferença, é penhor, aqui, de conformismo” (SCHWARZ, 1978, p. 16). O mesmo pode-se dizer de Aires, que se adapta a todas as situações, por não ter convicção nenhuma, apesar de estar fora do mundo do trabalho e de sua argúcia intelectual que lhe permitiria aprofundar a crítica social que se insinua em suas observações. Sua situação, neste ponto, é parecida com a de Roquentim, personagem de *A náusea*, de Sartre, que não se identifica com o mundo burguês, recusa-se a reconciliar-se com ele e encontra na arte uma alternativa para o vazio da existência humana. Mas Aires não quer romper com a sociedade, apesar de sentir-se fora dela: “Já não sou deste mundo, mas não é mau afastar-se a gente da praia com os olhos na gente que fica” (p. 169 – 15/5/1888). A interpretação metafísica do trecho, ligada à velhice e à proximidade da morte, não exclui outra, de caráter ideológico. Neste caso, Aires prefere o mundinho tradicional, ameno e fútil da gente que fica olhando para trás enquanto parte, e não para o que poderia vir pela frente, para o desconhecido do mar, cheio de descobertas e perigos, continuando a metáfora. Ou seja, Aires não está no mundo tradicional de seus pares, nem avança, pela arte que seja, em direção ao rompimento com este mundo.

É interessante notar como as viagens estão presentes no livro, em geral, e no passado de Aires, em particular, e como não têm função de descoberta. Em nenhum momento o narrador refere-se às tantas que fez, como diplomata, no sentido de desenvolvimento pessoal, pelo contrário, a carreira parece-lhe enfadonha.

A música foi sempre uma das minhas inclinações, e, se não fosse temer o poético e acaso o patético, diria que é hoje uma das saudades. Se a tivesse aprendido, tocaria agora ou comporia,

quem sabe? Não me quis dar a ela, por causa do ofício diplomático, e foi um erro. A diplomacia que exerci em minha vida era antes uma função decorativa que outra coisa; não fiz tratados de comércio nem de limites, não celebrei alianças de guerra; podia acomodar-me às melodias de sala ou de gabinete. Agora vivo do que ouço dos outros. (p. 80 – 31/8/1888)

Sua verdadeira inclinação foi preterida em favor da carreira diplomática que só faria sentido se, compensando o desvio da vocação, fosse um diplomata voltado realmente para o interesse público e não para o prestígio social que o título lhe concederia para o resto da vida. Sua perspectiva presente é de desistência, acomodação; nem mesmo pela música ele demonstra interesse.

O tema da mudança reponta várias vezes neste livro em que, ironicamente, nada muda. Ou melhor, as coisas mudam apenas na superfície, permanecendo na mesmice em sua essência. O desalento é que se perguntarmos por esta essência encontraremos um vazio de sentido na vida da elite carioca, na de Aires e em suas reflexões, sempre hesitantes e inconclusas. A história passa-se num período de mudanças importantes para o país – durante a Abolição e pouco antes da Proclamação da República –, as quais o impulsionariam do atraso e do arcaísmo rumo a “ordem e progresso” modernos. É sobre esse fundo histórico que se desenrola o caso, banalíssimo, Fidélia-Tristão. Salvo nos dias próximos à Abolição, é curiosa a escassa presença deste tema público diante da fartura das fofocas familiares no diário de Aires. Escassa mas renitente, repontando, aqui e ali, em comentários, no mais das vezes, desinteressados.

No dia 11 de fevereiro do diário, Aires, curioso sobre a origem do nome Fidélia, filosofa:

Parece que já não queremos Anas nem Marias, Catarina nem Joanas, e vamos entrando em outra onomástica, para variar o aspecto às pessoas. Tudo serão modas neste mundo, exceto as estrelas e eu, que sou o mesmo antigo sujeito, salvo o trabalho das notas diplomáticas, agora nenhum.

O próximo dia do diário é 18 de fevereiro; a narrativa é curta: “Campos disse-me hoje que o irmão lhe escrevera, em segredo, ter ouvido

na roça o boato de uma lei próxima de abolição. Ele, Campos, não crê que este ministério a faça, e não se espera outro”.

Em seguida, em 24 de fevereiro, Aires reproduz a fala de Campos: “Meu irmão crê que também aqui a revolução está próxima, e com ela a República.”

No dia 11, Aires opõe a sua permanência em face das modas do mundo. Mas diz (no futuro!) que “tudo serão modas neste mundo”, e nos dias seguintes do diário, numa curiosa coincidência, anunciam-se duas mudanças – ou modas? – que, como a onomástica, se oporão à imutabilidade de Aires: a Abolição e a mudança de regime. Falsa oposição, pois a mudança não é encarada em seu sentido progressivo, moderno, mas cíclico: são modas que vêm e vão, não alterando a substância que vestem. O próprio Aires vestiu o “trabalho das notas diplomáticas” para, depois, voltar a ser o mesmo, ou seja, o diplomata não fez crescer o homem, apenas passou por ele, variando o seu aspecto. A ironia deste trecho é que a narrativa nos diz que Aires, de maneira aparentemente inconsciente, dá a mesma importância e considera da mesma natureza as três mudanças: onomástica, Abolição e Proclamação.

Do ponto de vista do poder crítico, a narrativa denuncia, nas entrelinhas, a ilusão das mudanças abolicionista e republicana e a indiferença de um intelectual e membro da elite ante essa situação, a ponto de não se conscientizar dela, ou, se consciente, de evitar desenvolver sua percepção inicial. Esta recusa de Aires em desenvolver suas reflexões aproxima-o de Belmiro, que, no seu diário, apenas as insinua. Aqui, como no *Amanuense*, o trabalho para o leitor chegar à crítica social, a partir da narrativa, é bem maior do que num livro como, por exemplo, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que a voz narrativa toma uma postura claramente denunciadora, em que pese a diferença do foco narrativo, em terceira pessoa neste último. O trabalho de completar as reflexões insinuadas é sempre do intérprete, enquanto Aires mergulha na ilusão de sua permanência que, como as estrelas, se oporia às mudanças do mundo.

Essa incompletude reflexiva leva Aires ao meio-termo das posições, à adaptabilidade a tudo e a todos e à ausência de qualquer adesão séria a doutrinas e princípios. A comodidade dessa postura intelectual é evidente: Aires tem tudo a perder em termos de posição social, tornando-se um crítico do sistema que o alimenta. A atitude do diplomata aposentado

é de leve, fina e agradável maledicência e, por último, complacência, qualidade que crê inata: “Quase que a trouxe da escola, se não foi do berço” (p. 95 – 18/7/1888).

Quase poderíamos chamar essa acomodação de conservadorismo, encontrando no narrador uma convicção predominantemente tradicional, arcaica,² por debaixo de sua volubilidade aparente. Mas, insinuam-se, em seu diário, alguns movimentos de rompimento com essa complacência, como no episódio em que Aires sente vontade de desmascarar o pai de Fidélia, que alforriara os escravos por saber próxima a Abolição e não por razões humanitárias. Mas tudo não passou de “vontade sem ação” (p. 35 – 13/4/1888). Esta vontade que persegue Aires em toda a narrativa revela, por baixo da camada conformista de seu espírito, não só um desejo de crítica e mudança individual, mas também social, já que sua posição social, no romance, é constituinte de sua individualidade. Parece, então, que a complacência e o conformismo nascem mais da repressão desses impulsos de confronto que da natureza de Aires. Natureza que, se se pode chamar assim, seria antes crítica que condescendente.

O que faz Aires recuar sempre ante suas vontades é o fato de não tê-las assentadas em nenhum princípio – ou princípios – em que de fato acredite. No dia seguinte à Abolição, diante da comemoração na casa do casal Aguiar, Aires felicita-os, pensando que o motivo é a libertação dos escravos. Logo percebe que a causa da festa é a futura chegada de Tristão. E o narrador anota ironicamente em seu diário: “Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular” (p. 37 – 14/5/1888). A modernidade abolicionista é – para a elite, Aires incluso – apenas uma mudança de nomes, que introduz um termo novo na velha simbiose entre o arcaico e o moderno em que se assenta o país desde sua fundação. A ineficácia da Abolição, como projeto utópico de modernidade e como instrumento de resgate social, econômico e cultural dos negros, deve-se à ineficácia da esfera pública em promover o progresso de forma impessoal, diria mesmo, burguesa (penso na burguesia europeia, de ideologia liberal). A esfera pública encontra-se nas mãos de uma elite – nem totalmente burguesa, nem aristocrática – e em simbiose com os interesses, mais que particulares, pessoais de seus membros. Não há, em nenhum personagem do romance, exceto em Aires, a compreensão do interesse público, fora da esfera estreita do ganho próprio, não só econômico, mas também de prestígio social. Assim

é a posição de Tristão quanto à política de adaptação a todas as doutrinas, sempre na situação, para ser bem-sucedido politicamente, o que quer dizer pessoalmente. Esta posição é admirada por Aires, a despeito de sua compreensão sobre a natureza moderna da esfera pública.

Aires é simpático à causa abolicionista e quase se contamina pela euforia coletiva: por pouco não se deixa arrastar na comemoração do 13 de maio em praça pública. No calor da hora, arrepende-se de não ter ido, para, depois, de caneta na mão e ‘cabeça no lugar’, achar que fez bem e que se arrependeria se fizesse o contrário.

Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao paço, onde estavam também todos os ministros. Se eu lá fosse, provavelmente faria o mesmo e ainda agora não me teria entendido. (p. 37 – 14/5/1888)

Para emendar em seguida que, se fosse, “não faria nada; meteria a cara entre os joelhos”. Ou seja, seria incapaz, indo ou não, de se expor, entregando-se à causa a ponto de comemorá-la efusivamente. Isto porque é apenas simpático a ela, talvez pela necessidade de, pessoalmente, estar atualizado com a posição liberal, então dominante na Europa e nos Estados Unidos, e pelo desejo de que o seu país acerte o passo com as outras nações. Já certo da Abolição, recorda Aires a ‘imagem do país’ no exterior, quando no exercício da diplomacia nos Estados Unidos:

Mais de um jornal (nos EUA) fez alusão nominal ao Brasil, dizendo que restava agora um povo cristão e último que imitasse aquele e acabasse também com os seus escravos. *Espero que hoje nos louvem.* (p. 37 – 13/5/1888. O grifo é meu)

A necessidade de modernidade se satisfaz com o reconhecimento internacional e com a atualização cosmopolita, exteriorizada por leis, instituições e opiniões de aspectos modernos, avançados. Mas o que se atualiza não é a sociedade, de forma estrutural – o que seria mudança progressiva –, mas a simbiose arcaico-tradicional, adaptada agora aos tempos modernos, sem escravidão. Aires, como já se disse, tem condições intelectuais de romper com o imobilismo de quem evita a tomada de posição e de perceber claramente o problema, avançando ao questio-

namento – no caso, sob um ponto de vista progressista, mas que poderia também ser conservador – das estruturas sociais. Várias vezes, esta posição se pré-configura, para se desfazer em seguida, sobrepujada pela cautela do diplomata: “Não, não faria nada, meteria a cara entre os joelhos” (p. 36 – 7/5/1888).

A profissão de diplomata, cuidadoso profissional das aparências, mais que uma escolha que caracterizaria o personagem-narrador, parece ser uma síntese da atitude do intelectual brasileiro: fácil adaptabilidade, descompromisso com princípios sólidos, recusa ao conhecimento rigoroso, ao estudo sistemático e ao desenvolvimento de suas reflexões com profundidade. Tais caracteres são ainda detectáveis em 1941 por Mário de Andrade (1974, p. 192): “E o intelectual se passa de galho em galho, de árvore em árvore, na estilização mais nacionalista possível da dança do tangará. Isso, uma intelectualidade coreográfica [...]”.

A despeito do movimento que Mário – e Aires – invoca, o resultado final é o imobilismo, pois a mudança é superficial e passageira, ou seja, “tudo serão modas neste mundo”. Apesar de suas andanças pelo mundo e de seu movimento subjetivo, registrado no diário, Aires não sai do lugar, permanecendo, como ele mesmo diz, o mesmo. Mas este movimento sem progresso é também da sociedade que se agita, durante a Abolição, ao fundo da monotonia do cotidiano do narrador e da história familiar que se desenrola e parece ser o objeto principal do diário de Aires.

E isto se conclui a partir da construção ficcional da narrativa, de sua estrutura. O movimento espacial de Aires no passado – suas viagens – é apenas aludido em alguns momentos, e nunca como experiência formadora, como deflagrador do desenvolvimento individual, de onde se conclui a desimportância da memória para o narrador. Ora, quem não muda nunca ou muda apenas na superfície não necessita de memória, vivendo num mesmo agora – ou num mesmo sempre, tanto faz – sem nostalgias nem utopias; tudo é presente.

Já os movimentos subjetivos de Aires, como já foi visto, quase levam-no a romper com seu conformismo, mas a reflexão não se completa, pois, tão logo irrompem, a narrativa toma outro rumo e Aires se volta à Fidélia ou ao casal Aguiar para tratar de suas amenidades. Assim, também a Abolição é raramente tratada, no mais das vezes numa linguagem ‘neutra’, informativa ou pela boca de outros personagens. A maior ocorrência do assunto, nos dias próximos do 13 de maio, diminuindo

(em quantidade, mas também no empenho reflexivo de Aires sobre o assunto) à medida em que se afasta da data, dá ao fato um caráter de burburinho rápido que movimenta brevemente, com assunto público, as páginas do diário.

Em suma, a própria narrativa é monótona quando se move ligeiramente para voltar ao relato cotidiano. Monotonia que a estratégia narrativa do diário expressa bem. Ousaria dizer que tanto o diário de Aires quanto o de Belmiro seriam algo como a narrativa de ‘aventuras picarescas subjetivas’, com o perdão do termo. Mas talvez, continuando o paroxismo semântico e corrigindo-nos pela lição de Antônio Cândido em *Dialética da malandragem*, seria melhor classificar suas narrativas como ‘malandragem subjetiva’. É claro que a posição social de Aires e Belmiro não permite classificá-los como malandros, mas seu descompromisso ante a sociedade sem negá-la criticamente, adaptando-se habilmente a ela e seus desconfortos (no caso, não financeiros) e evitando o confronto direto, parece-me muito próximo do que eu chamaria, com novas desculpas pelo termo, de ‘malandragem intelectual’. Classifico-os como malandros, não pela sua posição social, mas pelas atitudes que tomam, ciente da temeridade de tal procedimento, que só considera uma característica da categoria. Mas a situação de semimarginalidade do malandro existe no intelectual brasileiro – pertencendo ou não à elite. É uma marginalização cultural de quem conhece – ou poderia conhecer, mas recusa-se a tal – a modernidade plena e suas diferenças com a sociedade brasileira, indefinida entre o arcaico e o moderno. Em todo o caso há neste intelectual a percepção do desconforto de pertencer a uma sociedade que, ela mesma, tende ao imobilismo graças à sua indefinição. Se Aires atribui o desconforto à velhice, e Belmiro à natureza humana, suas narrativas nos dão elementos – nunca desenvolvidos consciente e plenamente pelos personagens-narradores – para encontrar o fundo social desta falta de lugar. O desvio de olhar dos narradores, que evitam encarar o problema de frente, revela sua opção pela adaptabilidade e conformismo, salvando, por um lado, sua posição social e, por outro, sua consciência intelectual, por meio de uma espécie de auto-ilusão. No entanto o mal-estar permanece, mesmo que leve, revelando-se em surtos de ousadias e rebeldias sufocados ou em dias de tédio.

Continuando o pecado sociológico, Aires e Belmiro movem-se no mesmo mundo ambíguo de Leonardo, o malandro de *Memórias de um*

sargento de milícias. Só que, enquanto este encontra-se ligado mais explicitamente ao mundo da desordem,³ aqueles aprontam suas peripécias subjetivas – como só poderiam ser, devido a suas posições sociais, pois são ‘homens bons’, principalmente Aires – no mundo da ordem. O movimento dos três, indiferente da esfera em que acontece, em nenhum momento é tratado como progressivo pela voz narrativa. Isto se aplica inclusive à passagem de Leonardo para o mundo da ordem que, se resolve-lhe o problema pessoal de posição social, não remete, através de um caso, ao problema de toda a uma classe, pois a luta do malandro é apenas dele, que acaba se aliando ao suposto inimigo, evitando, com isso, o confronto. Nesses três romances a trama inexiste, e a voz narrativa se porta com aparente indiferença, moral e ideológica, em relação aos fatos e idéias, embora permeada de certa mordacidade, que, como dissemos, não se completa em crítica social, recuando à crítica de costumes ou pessoal, ou avançando em ceticismo quanto ao homem, perdendo-se na generalidade, supostamente filosófica, da natureza humana.

Os termos da dialética arcaico/moderno se configuram nas *Memórias* no que Cândido chama de desordem/ordem, e que se explicitam na dualidade social entre os não colocados e os colocados socialmente, que vão, do ponto de vista econômico, dos miseráveis aos ricos. O estamento de Leonardo, nem elite nem escravo, se encontra no meio dessa gangorra, onde o problema se faz sentir mais concretamente. Já no *Amanuense*, a oposição campo/cidade, além de social, é espacial e temporal, implicando um problema de memória, portanto de mudança, de forma mais explícita, já que situa o arcaico no passado e o moderno no presente, sem que o primeiro, no entanto, seja totalmente superado, criando uma espécie de limbo temporal onde Belmiro se (des)encontra. Na verdade, esta contaminação de um pólo pelo outro se dá em ambos os livros, não emergindo destas narrativas nenhum projeto de sociedade, conservador ou utópico. Nem mesmo emerge uma crítica contundente a esta, ou seja, uma crítica de suas estruturas. O conflito de Leonardo com a polícia não implica, como vimos, um questionamento da ordem social, mas apenas uma maneira de safar-se individualmente. Belmiro, entre passado e presente, campo e cidade, opta pelo limbo em que as duas esferas estão presentes, mas cristalizadas, ou seja, não opta por nenhuma e se fecha no imobilismo.

Em *Memorial de Aires*, permeia a narrativa o binômio público/privado, não no sentido estritamente econômico dos termos, mas no ideológico, ou seja, a narrativa, parecendo um romance de costumes – que também é –, nos informa sobre a mentalidade de uma certa camada social situada num determinado contexto histórico: a elite carioca, e brasileira, nos fins do século XIX. Informa sobre a postura desta elite em relação ao problema público/privado no Brasil que eu redefiniria, em nome da precisão, para o problema impessoal/pessoal. E, o que tem muita importância, informa-nos pela mão de um membro de sua classe que poderia e quase chega a criticá-la. Este *quase* define a atitude de Aires de adaptar-se a uma sociedade quase moderna, que gera intelectuais quase críticos, que, por sua vez perpetuam esse ciclo vicioso de imobilismo. Conservadorismo?, pode ser, mas com atualizações, não só de idéias na cabeça disponível dos intelectuais, mas institucionais, como a Abolição e a República, o que é muito para uma perspectiva conservadora – o bastante para descaracterizá-la como tal –, mas, no caso brasileiro, insuficiente para a modernidade plena, dada a permanência de fundamentos arcaicos na sociedade.

Voltando à questão do pessoal/impessoal, o diário de Aires não aborda o problema de forma direta, pois não trata de fatos relacionados ao uso da máquina pública em benefício pessoal. Toca nisto, indiretamente, quanto trata de sua função “decorativa” como homem que escolheu a carreira pública por preocupações de prestígio social e quando se refere às pretensões políticas de Tristão, que usaria o cargo público com ambições meramente pessoais, embora o país em que este atuou fosse Portugal, o que não deixa de ser uma ironia com nossas raízes. Mas o que importa aqui é a admiração de Aires pela habilidade do rapaz em adaptar-se politicamente. Ou seja, *Memorial* não é uma obra crítica, no sentido de desvendar, denunciar os bastidores do poder, mas que nos revela a mentalidade da elite brasileira da época. Mentalidade que reluta em optar definitivamente pela modernidade, resultando em práticas sociais que não separam as relações pessoais das impessoais, o privado do público, criando uma estranha situação social de impregnação do moderno pelo arcaico e vice-versa.

O episódio da Abolição é o contrapeso da intriga familiar que se desenrola no diário. Aires, homem público aposentado e intelectual sem projetos, conduz os dois fatos paralelos, e o pouco peso dedicado à Abo-

lição é como uma ausência prenhe de significados. Ele tem consciência da importância do fato, tende a uma posição sobre ele, mas escusa-se a tratá-lo de forma contundente. Não atua a seu favor publicamente – de forma impessoal – na comemoração e nem mesmo em ‘foro íntimo’, nas páginas de seu diário. Isto implicaria uma postura crítica que ele não quer ter em relação à elite em particular e à sociedade em geral, das quais ele faz parte. Sente-se fora de sua sociedade, primeiro passo para a atitude moderna de ir contra ela. Mas não quer renegá-la, atitude de lealdade à tradição. O resultado é o limbo social, semelhante ao de Belmiro.

Aires tenta, então, a conciliação, impossível para quem vislumbra o problema: negando-se a participar da festa pública, aceita comemorar a Abolição na esfera pessoal, entre seus pares sociais. Mas descobre seu equívoco quando percebe que o que se comemora é uma alegria particular, a vinda de Tristão. Mesmo assim, participa desta, de bom grado. E também da festa de casamento entre Tristão e Fidélia, mas sabendo de sua falta de lugar: “Já não sou deste mundo”.

ABSTRACT

This essay aims to examine the ways *Memorial de Aires*, Machado de Assis’ novel, in shaping the themes of the amenities and frivolities of the Brazilian elite in late nineteenth century, is pervaded by impacts of Brazilian society of the epoch, which shows itself undecided between tradition and modernity, conservatism and change.

KEY WORDS: Brazilian literature, realism, social changes and ideas.

NOTAS

1. MACHADO DE ASSIS. *Memorial de Aires*. São Paulo: Saraiva, 1964. p. 7. No diário de Aires, este trecho é do dia 14 de janeiro de 1888. Doravante todas as citações desta obra serão seguidas pela página da edição consultada e pela data apresentada no diário.
2. Os termos arcaico e tradicional são, neste texto, sinônimos. Em parte definem-se por oposição ao conceito de moderno que utilizo para recobrir o que a cultura brasileira tem, ou aspira ter através de sua elite econômica e intelectual, da modernidade dos países ricos da Europa do fim do século

XIX. Algumas características dessa modernidade e que interessam de imediato para esta discussão são: a impessoalidade como comportamento social; a noção de progresso econômico, político, científico; e a separação rigorosa entre interesse público e privado na gestão da coisa pública. Estes fatores relacionam-se com o conceito de mudança, fundamental neste texto. No caso de uma cultura predominante moderna, a mudança tende a ser ampla e profunda em todas as esferas da sociedade, sendo encarada como progresso, independente dos interesses, outrora poderosos, que contrarie. Numa sociedade mais tradicional, a mudança é evitada ou assume um caráter cosmético.

3. Uso o termo “explicitamente” porque o mundo da ordem não se encontra separado do da desordem no Brasil. Por isso, a ligação explícita de um indivíduo com um mundo pode ocultar a ligação implícita com outro. Um interpenetra o outro, daí a impossibilidade de afirmarmos uma rígida e excludente ordem binária, como, por exemplo: povo=arcaico=desordem x elite=moderno=ordem. Sob este ponto de vista, o que estou tentando mostrar neste estudo é que, a partir da narrativa de Aires, pode-se concluir que o mundo da ordem, o seu, é apenas aparentemente moderno, no sentido pleno do termo, já que elementos do arcaico contaminam-no, como, por exemplo, a incapacidade de compreender o significado de uma conquista na esfera pública, como já demonstrei no caso da comemoração dos Aguiar, ante a chegada iminente de Tristão. A interpenetração ordem/desordem não se dá, no caso de *Memorial de Aires*, no contato de camadas populares com a elite, mas na persistência de uma mentalidade arcaica em uma elite que se quer moderna.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

ANJOS, Ciro dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memorial de Aires*. São Paulo: Saraiva, 1964.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1983.

- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Klick Editora, 1997.
- _____. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: _____. *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. Dialética da malandragem (posfácio). In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. 1997. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].
- SCHWARZ, Roberto. Sobre *O amanuense Belmiro*. In: _____. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.